

Lúcio Alcântara

fotos de Joana França

A Casa da
Minha Avó



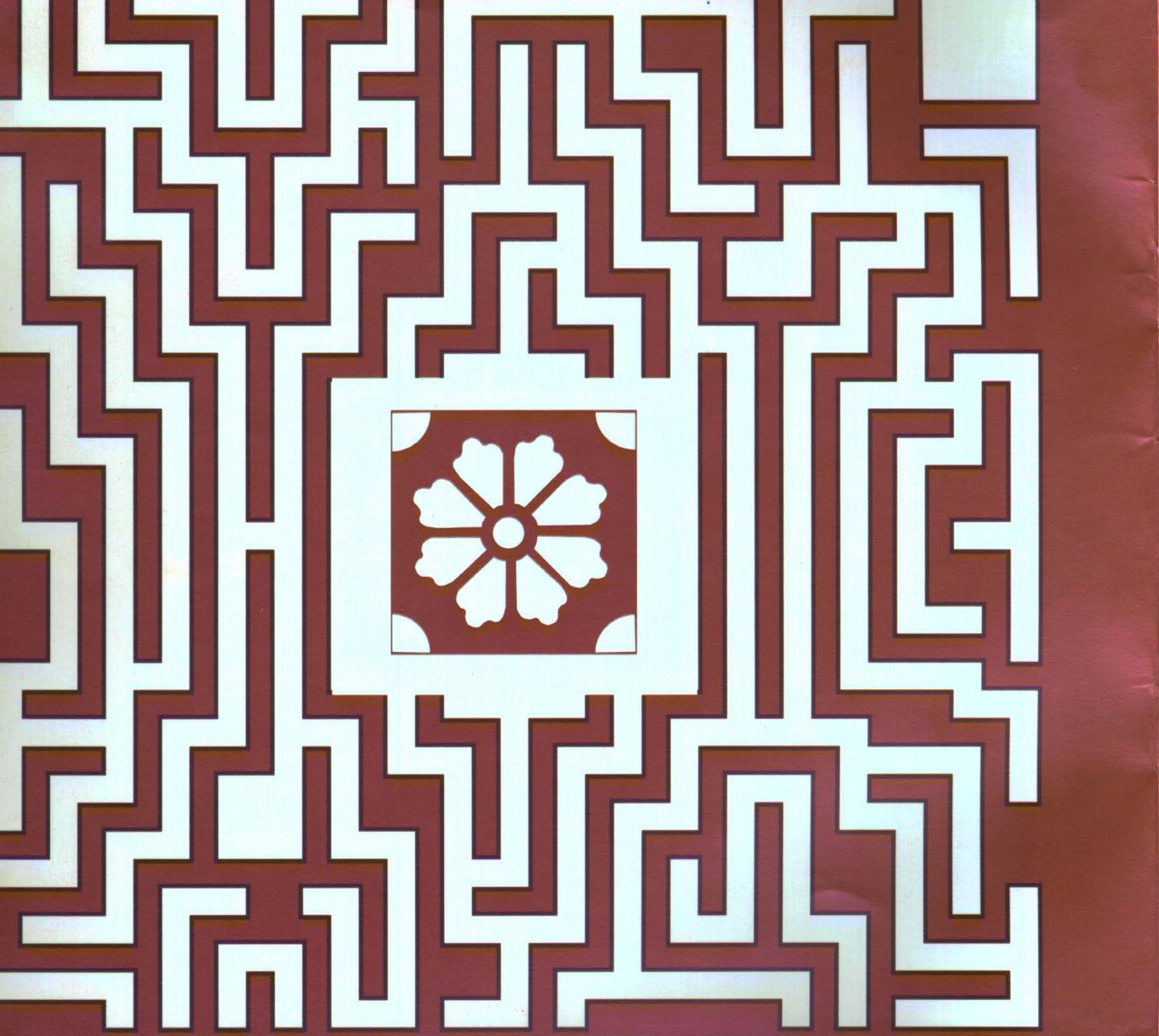
A Casa da Minha Avó

Lúcio Alcântara

fotos de Joana França

EDITORA LABIRINTO





E D I T O R A



L A B I R I N T O

Entre os sonhos que acalento e me ajudam a suportar os pesados encargos que acabei assumindo ao longo da vida há um que me acompanha os passos, renitente: ter uma livraria, uma editora, um bar. Claro, só penso no lado romântico, lúdico dessas iniciativas. Nada de contas a pagar, questões trabalhistas, vendas, impostos, fregueses inconvenientes. Gente, eu estou falando de sonhos, não de pesadelos!

A evolução dos costumes e das técnicas comerciais já permite sucessos de alguns empreendimentos que reúnem bares e livrarias no mesmo ambiente. Como a essa altura da vida tenho mais é que realizar meus sonhos, vou começar pela editora, que parece responder melhor à minha vocação, já testada em outras oportunidades. LABIRINTO, assim se chamará em memória dos caminhos tortuosos e desorientadores percorridos para, ao cabo, se encontrar o centro, o equilíbrio, a jóia de valor que pode ser a salvação da alma ou a essência da criação humana. Tal como sugerem lendas e mitos justapostos aos labirintos cretenses, medievais, romanos, desenhados nos pisos das velhas catedrais, sinalizando os caminhos embaraçosos da eternidade. Ou o bordado caprichoso das mulheres do meu Ceará que, à borda do mar, silenciosas aguardam o retorno dos intrépidos maridos.

Pretende ser, modestamente, uma espécie de fio de Ariadne a orientar o caminho da libertação pela via do conhecimento e da informação.

Anexa à Fundação Waldemar Alcântara, a editora fará pequenas tiragens de livros graficamente bem cuidados, preferencialmente de autores inéditos, ou pouco conhecidos, ou ainda textos ignorados de autores consagrados até universalmente. Numa palavra, vamos percorrer labirintos em busca da raridade.

Começamos por mim, que nem sou inédito nem raro, mas publico poesia pela primeira vez. E já nasço quebrando regras da editora. É de se ver que a iniciativa promete.

Fortaleza, abril de 2004

Lúcio Alcântara

Copyright 2004 Editora Labirinto

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, por quaisquer meios, sem autorização prévia, por escrito, da Editora.

Fotografias: Joana França

Capa e projeto gráfico: Joana França
joanajoe@terra.com.br

Impressão e Acabamento: Expressão Gráfica e Editora Ltda.

Alcântara, Lúcio.

A casa da minha avó / Lúcio Alcântara,
Joana França. -- Fortaleza : Labirinto, 2004.

28 p. : il. fots.

1. Poesia, Brasil. 2. Literatura, Brasil. I.
França, Joana. II. Título.

CDD B869.1

Todos os direitos reservados à Editora Labirinto, conforme Lei nº 9.610, de 19 de dezembro de 1998.

Fundação Waldemar Alcântara
Rua Júlia Vasconcelos, 100
CEP 60 120-320 - Fortaleza - CE
E-mail fwa@veloxmail.com.br
Impresso no Brasil

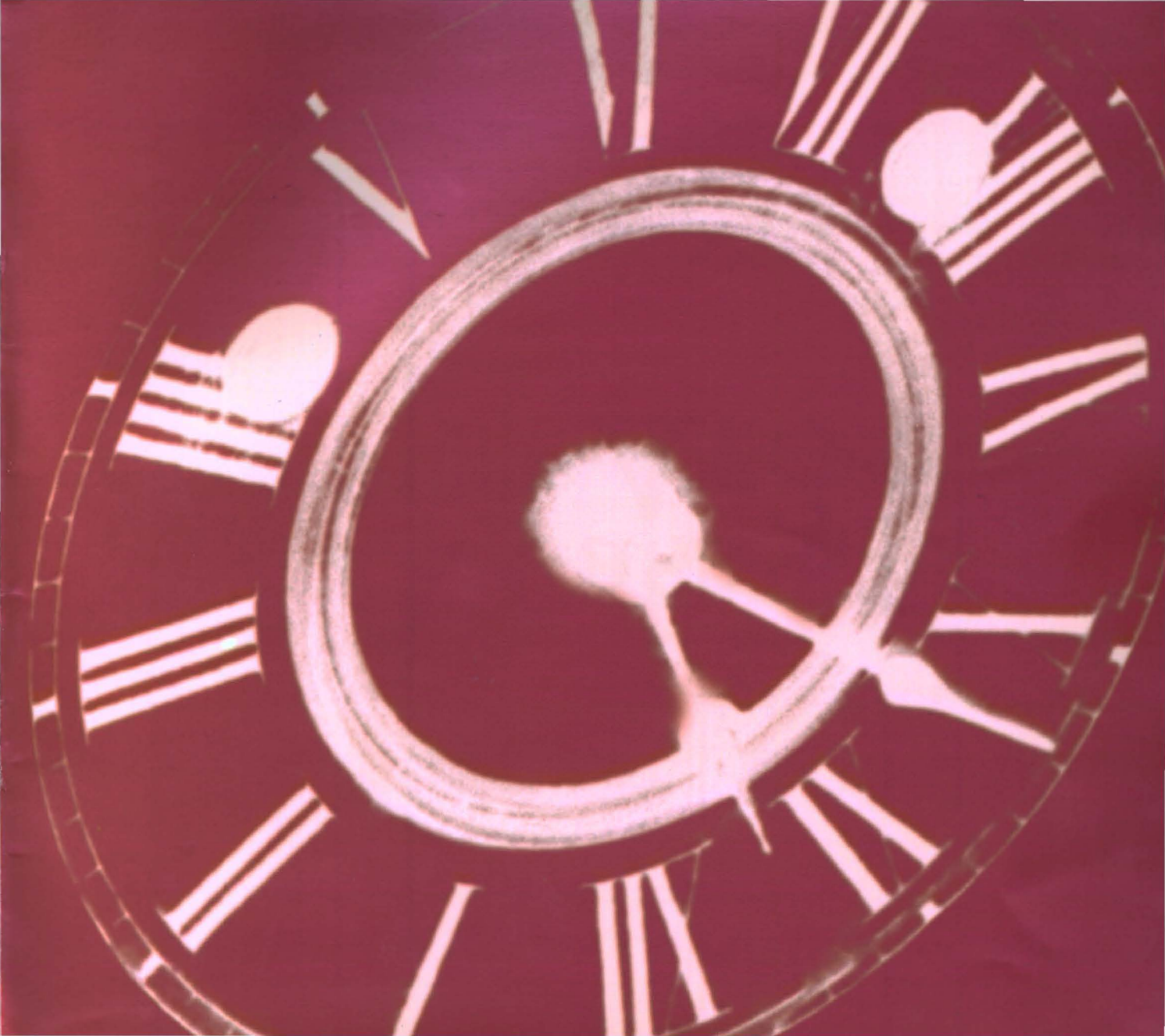
Impressão e Acabamento: Expressão Gráfica e Editora Ltda.

Lúcio Alcântara

**A Casa da
Minha Avó**

fotos de Joana França

I 44





Na casa da minha avó a saudade
é um velho relógio na parede. **Parado.**
O pêndulo hirto à hora morta provoca

lembranças e fantasias.



No quintal da casa da minha avó o tronco do
velho tamarindo tem os nós da vida.

**Dos ramos pendem frutos
agridoces como a minha memória.**





Na cozinha da casa da minha avó
havia uma **usina de fé.**

Mãos fervorosas preparavam
a massa de trigo.

A negra velha manjava hábil
tenazes em brasa **imprimindo**
no pão o selo de Deus, matriz
do corpo de Cristo, como ensina
a crença imemorial.



Na casa da minha avó **comia-se**
na sala avarandada.



No beiral a calha recolhe
a água que lava as **telhas velhas**.
Na boca da cisterna o **pano de
morim** retém o limo das telhas
e a **crosta da memória**.





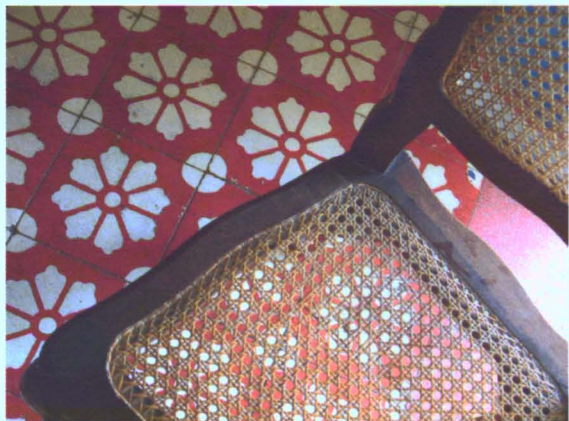
A photograph of a blue door with a cane chair in front of it, set against a light blue background. The door is slightly ajar, and the chair is positioned in the center. The text is overlaid on the door.

Na mesa austera
da casa da minha avó
não havia madeleines,

mas a coalhada no prato fundo
é puro Proust.

No chão da sala da casa da minha avó
sobre o fundo vermelho dos ladrilhos há
rosáceas brancas.
Ideogramas da memória,
idênticos, despertam
distintas emoções.



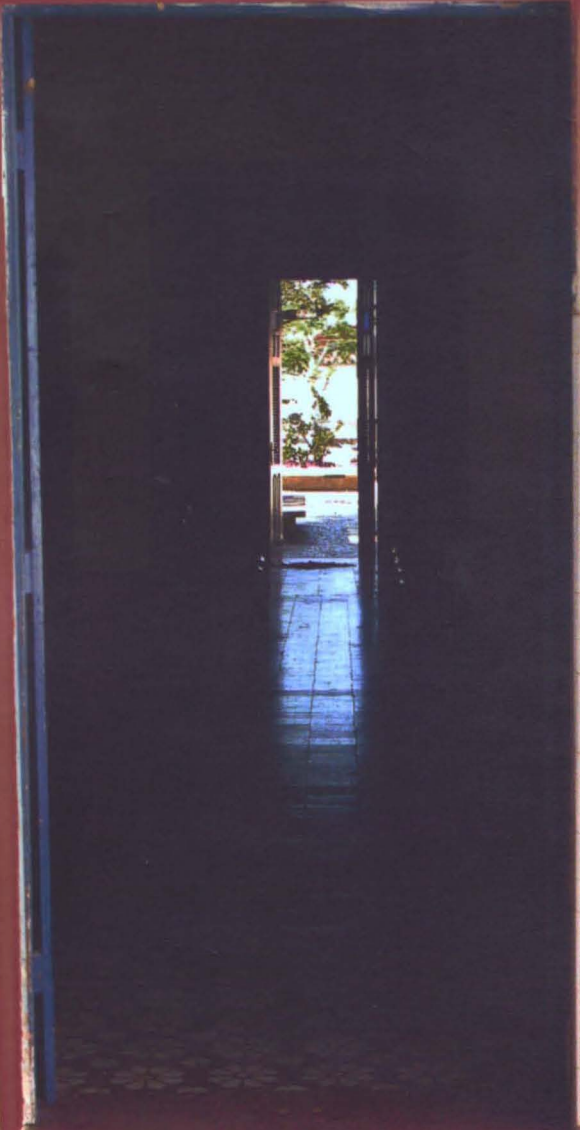




Na casa da minha avó o vento
na cumeeira alta ecoa
o ruído inconfundível da chuva
e dispersa a polifonia humana.

Da rede o olho fixo e insone
conta telhas e carneiros
para chamar o sono que tarda.





Na casa da minha avó o requinte
está no soalho e no forro
de madeira da "casa nova".
Madrugada, a mão invisível e santa
do Padre Romualdo rangia
os ferrolhos das portas.

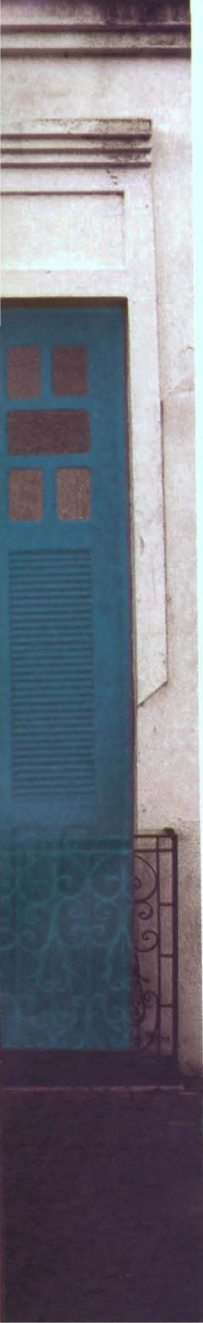


Da **parede** da casa da minha avó
já não pendem os retratos dos filhos
- aliás, **já não há filhos.**
No silêncio da eternidade
ela sussurra aos quatro
recomendações **de todas**
as mães.





Na casa da minha avó a cadeira
de vime era o trono do meu
avô para um instante de prosa na calçada.
Na noite calorenta **a conversa**
mole fluía em torno dele sem
compromisso com o tempo.



Na fachada da casa da minha avó jacarés
de zinco apontam em ângulo reto.

Da boca imóvel escorre
a linfa dos invernos,
carregando a inocência
da minha infância.





Na sala da casa da minha avó a flor
vulgar de plástico no jarro barato
sobre a mesa
de centro diz que



já não há
a casa da minha avó.

1989 • 2004



ANOS

DE EXPRESSÃO
Gráfica

Rua João Cordeiro, 1285
(85) 253 2222 • Fortaleza - CE
expressao@expressaografica.com.br

FILIADA À CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO



Esta obra foi impressa pela Expressão Gráfica e Editora Ltda., em papel couchê 150g/m² e capa em papel couchê 230g/m² em maio de 2004, com tiragem de 1000 exemplares.

